FEIJÃO

A **Companhia de Financiamento da Produção** *espera chegar em novembro, fim do ano-safra, com um estoque de 123 mil t, bem inferior ao recomendável (300 mil t). Para isto, porém, será necessário que a safra da seca confirme os prognósticos favoráveis que dela vêm sendo feitos e que o consumo se situe no mesmo patamar do ano passado.*

A safra das águas 1985/86 foi a primeira das safras de **verão** a ser afetada pela estiagem, no Centro-Sul. Em razão da precariedade do cultivo, esperavam-se danos elevados. Conforme o Censo de 1980, apenas 3,7% dos produtores brasileiros usam sementes selecionadas e alguma tecnologia e 1,9% só sementes selecionadas. Os que utilizam tão-somente sementes comuns e mais nada são 62,6% do total.

O Quadro 09 apresenta as estimativas do **IBGE** para a safra 1984/85 e a atual. Esta, dentre as do decênio, só supera as verificadas em 1976 e 1983, anos em que, além dos problemas climáticos, a área plantada foi bastante menor (ver Quadro 11).

A quebra da safra gerou alguma especulação e rápida alta nos preços, no atacado, que perdurou, em São Paulo, até o início do ano (ver Quadro 10). No entanto, o abastecimento não apresentou maiores problemas.

No ano passado, tinha-se uma estimativa inicial do consumo, feita pela **Companhia de Financiamento da Produção**, de 2,75 milhões de t. Como as safras das **águas** e da **seca** produziram conjuntamente apenas 2,55 milhões de t e o governo federal detinha estoques reduzidos, supunha-se que a menor oferta provocaria problemas. Ocorreu praticamente o contrário: os leilões, promovidos pela **CFP** para a regularização do mercado, encontraram-no bem abastecido. Isto se deveu a fatores conjunturais, como o barateamento relativo de outros gêneros alimentícios, principalmente o macarrão (ver **Agroanalysis**, vol. 9, nº 10), rapidamente escoado nos supermercados, e o encarecimento das carnes, que reduziram o

QUADRO 09 – FEIJÃO – SAFRA DAS ÁGUAS – 1984/85 E 1985/86[1]

UF	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)	
	1984/85	1985/86	1984/85	1985/86	1984/85	1985/86
Paraná	659.500	561.746	475.000	185.000	720	329
Bahia	356.076	379.060	199.758	207.346	561	547
Santa Catarina	225.485	265.000	229.251	79.500	897	300
Ceará	368.000	460.063	73.600	162.402	200	353
São Paulo	220.827	181.300	147.360	66.000	667	364
Rio Grande do Sul	156.166	139.442	114.754	30.202	735	217
Piauí	227.949	312.378	53.284	93.713	192	300
Rio Grande do Norte	180.683	199.781	42.516	72.219	250	361
Espírito Santo	48.348	47.725	17.014	23.368	352	490
Maranhão	39.167	48.067	7.727	20.449	197	425
Mato Grosso do Sul	14.484	7.799	6.819	3.302	471	423
Rio de Janeiro	6.804	7.429	3.650	4.457	536	600
Mato Grosso	14.593	13.360	5.978	5.070	410	379
Goiás	4.900	5.940	1.960	2.360	400	397
Distrito Federal	1.385	1.300	796	780	575	600
BRASIL	2.849.533	2.879.989	1.459.389	1.067.457	512	371

FONTE – IBGE.
[1] Estimativa de março.

consumo do feijão, o qual foi reavaliado para 2,39 milhões de t.

O abastecimento do ano em curso permanece na dependência do bom comportamento das lavouras da seca, que é sempre uma incógnita. Mesmo nas zonas de produção mais tradicionais, excetuando-se as escassas áreas de plantios irrigados, não há como garantir as plantações contra eventuais rigores climáticos.

No principal estado produtor da primeira safra, o Paraná, de acordo com o Departamento de Economia Rural, a área colhida foi de 560 mil ha, tendo sido perdidos 135 mil ha. Aparentemente, teria sido superada a estimativa inicial para a extensão do plantio, mas os 695 mil ha aqui totalizados incorporam os replantios. A avaliação da produção é de 185 mil t, mas recentes informações do interior sugerem que o número final poderá ser um pouco maior.

Antes da estiagem, havia grande expectativa quanto ao desempenho da variedade Rio Negro, lançada pelo Instituto Agronômico do Paraná, em 1983 e que teve, pela primeira vez, grande disponibilidade de sementes. Apesar de mais resistente a doenças, o novo cultivar não parece ter tido um comportamento tão bom em relação à escassez hídrica.

Em termos de distribuição das variedades, a composição da produção paranaense foi alterada, passando o feijão preto (em que predomina o rio Tibagi) a constituir 63% da safra. Para efeito de acompanhamento, a Secretaria da Agricultura separou o feijão rajado (em que é majoritário o carioca) do grupo dos feijões de cores. Pela nova sistematização, vê-se que o rajado representa 31% da produção e os de cores, apenas 6%. O aumento da participação do feijão preto decorreu dos menores danos causados pelo clima em suas zonas de produção. Com efeito, até novembro, supunha-se que estas áreas estariam fora da região atingida, o que afinal não aconteceu, mas as quebras ali não foram tão fortes e os melhores

QUADRO 10 – FEIJÃO – PRODUÇÃO DAS SAFRAS DAS ÁGUAS E DA SECA 1976 A 1986

ANO	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha)	
	Águas	Seca	Águas	Seca	Águas	Seca
1976	1.676.185	2.361.449	962.452	879.810	574	373
1977	1.844.270	2.717.717	1.138.325	1.188.875	617	444
1978	1.979.211	2.613.559	1.162.166	1.025.712	587	392
1979	1.870.330	2.341.274	1.116.340	1.070.620	599	457
1980	2.286.213	2.351.501	1.169.625	799.269	512	340
1981	2.525.286	2.504.517	1.367.016	971.702	541	388
1982	3.416.934	2.512.806	1.670.086	1.237.127	489	492
1983	2.334.236	1.734.636	900.458	686.535	386	396
1984	2.826.836	2.479.552	1.400.603	1.220.406	495	492
1985	2.849.533	2.466.185	1.459.389	1.088.536	512	441
1986[1]	2.879.989	–	1.067.457	–	371	–

FONTE – IBGE.
[1] Estimativa de março, referente à área plantada e produção e rendimento médio esperados. No caso da safra da seca, apenas doze estados haviam sido levantados.

QUADRO 11 – FEIJÃO – PREÇOS[1] NO ATACADO NO RIO DE JANEIRO E EM SÃO PAULO – 1984 A 1986 (Cz$/60 kg)

MÊS	RIO DE JANEIRO (feijão preto)			SÃO PAULO (feijão carioca)		
	1984	1985	1986	1984	1985	1986
Janeiro	201,77	384,39	467,11	521,92	343,69	508,79
Fevereiro	179,05	354,33	411,25	659,24	406,91	407,50
Março	172,93	344,80		1.122,17	380,09	
Abril	216,58	355,64		1.391,30	378,34	
Maio	476,55	456,33		844,76	412,80	
Junho	432,02	442,66		753,16	442,66	
Julho	379,28	432,73		643,83	470,99	
Agosto	366,86	390,34		566,40	408,95	
Setembro	430,48	358,40		636,02	366,32	
Outubro	434,88	343,65		466,85	472,30	
Novembro	392,53	346,86		418,87	488,68	
Dezembro	418,67	367,35		377,82	496,12	

FONTE – CFP e Conjuntura Econômica.
1. Corrigidos pelo IGP-DI, para fevereiro de 1986.

rendimentos físicos foram os obtidos no Oeste e Sudoeste, secundados pelo Sul, áreas tradicionalmente produtoras de feijão **preto.**

No que se refere à safra da **seca** paranaense, bem menor, sua área está estimada no mesmo patamar da verificada no ano passado (cerca de 75 mil ha). Esperava-se que se plantasse mais, mas as chuvas se regularizaram apenas em janeiro e o plantio da **segunda** safra se inicia em dezembro. Um dado fundamental, que faltou aos produtores por ocasião do plantio, foi o conhecimento do preço mínimo. Os agricultores e suas cooperativas esperavam que se aproximasse dos Cz$ 500,00/60 kg; porém, não foi definido e, finalmente acabou não sendo fixado (vigora o mesmo preço da safra das águas: Cz$ 292,20). Àquela ocasião, os preços estavam elevados e as cooperativas, em janeiro, pagavam mais de Cz$ 300,00/60 kg. Nesta **segunda** safra, deverá melhorar a remuneração dos agricultores, pois plantam-se principalmente os feijões de **cores,** cujos preços são mais elevados. Mesmo assim, pode não ser boa a situação do produtor rural, uma vez que a estimativa do custo de produção da safra das **águas,** feita pelo **Deral,** também o situou perto dos Cz$ 500,00/60 kg.



Nos demais estados sulinos, as perdas também foram substanciais. No Rio Grande do Sul, o rendimento físico obtido (217 kg/ha) é bem inferior ao normal do estado, que, em anos recentes, superava os 800 kg/ha (1974 e 1975). Foram colhidas apenas 30,2 mil t.

Diante do fracasso da primeira safra, no Centro-Sul, as atenções voltaram-se para o desempenho das plantações nordestinas e para o plantio da safra da seca.

A esperança depositada no bom desempenho das lavouras do Nordeste, porém, poderá não ser plenamente correspondida. Um forte veranico, entre meados de janeiro e de fevereiro, afetou grandemente as plantações da Bahia. A **primeira** safra, cuja colheita se encerra até a terceira semana de abril, teve uma área de 207 mil ha e um rendimento físico de 547 kg/ha. As lavouras plantadas tardiamente revelaram perdas elevadas, mas as **do cedo** desenvolveram-se muito bem. Segundo a **Cepa,** plantios efetuados em outubro conseguiram render até 1.200 kg/ha e, de acordo com a **CFP,** esta **primeira** produção foi inteiramente classificada nos tipos 1 e 2.

Na região de Irecê, onde também se plantou de outubro a fevereiro, a **Emater** estima as perdas em 50%, com uma produção de 53,3 mil t e uma produtividade (436 kg/ha) equivalente a 1/3 do inicialmente previsto. Ali se processa apenas uma safra mas, no nordeste do estado, já se iniciou o plantio da **segunda** safra. Aliás, esta vem enfrentando sérias dificuldades, pois os bancos fecharam suas carteiras agrícolas, desde a divulgação do **Plano de Estabilização** e o período ideal de semeadura (concentrada em maio) já está transcorrendo. A falta de crédito é, aliás, um impedimento constante à expansão da atividade, desenvolvida em Irecê em moldes diferentes do tradicionalismo das lavouras nordestinas.

Os preços, em todo o estado, estiveram muito altos em janeiro e fevereiro, tendo superado os Cz$ 400,00/60 kg. Isto motivou poucos pedidos de **Proagro,** na ocasião. Em março, haviam caído a Cz$ 260,00/60 kg. A elevação das cotações, naquela época, fundamentou-se na especulação em torno de uma possível majoração do preço mínimo, que passaria a Cz$ 380,00/60 kg, em abril, o que não aconteceu. Atualmente, o mercado está fraco, situando-se ao redor dos Cz$ 310,00/60 kg em Irecê. Parece ainda haver muito feijão em poder dos produtores, que, em grande parte, será preservado como semente. A **CFP** não fez aquisições.

No Ceará, que foi o segundo produtor da safra das águas 1984/85, fortes chuvas, iniciadas em março, poderão alterar a boa situação das lavouras. Planta-se, sobretudo, de janeiro a março, mas neste último mês quase não se plantou. Já se sabe, segundo a **Cepa,** que as áreas baixas estão bastante comprometidas. Torna-se necessário acelerar a colheita, iniciada em abril, para evitar a germinação dos grãos, em contato com o solo. O fato de a maior parte dos cultivos ser de feijão **macaçar,** cujo ciclo é de apenas quarenta dias, poderá auxiliar o apressamento da colheita.

Quanto à safra da **seca,** plantada em todo o país, o **IBGE** estimou, em março, as safras de doze estados (Rondônia, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso), considerando que estavam plantados 2,2 milhões de ha e que a produção seria de 1,2 milhão de t. É fundamental, para o pleno abastecimento neste ano, o êxito desta **segunda** safra. No estado que tem a maior área plantada, Minas Gerais, já se sabe de quebras fortes em Teófilo Ottoni, região limítrofe de Irecê. No Sul, em que se concentra a produção de feijão **preto,** as chuvas também estão prejudicando

as lavouras.

No que se refere a São Paulo, levantamento do **Instituto de Economia Agrícola** dá conta de uma safra excelente, com expectativa de um rendimento físico médio entre 600 e 720 kg/ha, abaixo porém, do verificado em 1985 (870 kg/ha). Para os produtores paulistas, o mercado está remunerando bem, com o feijão **carioquinha**, da **seca**, recebendo até Cz$ 410,00/60 kg e o das **águas** em torno de Cz$ 370,00/60 kg. A colocação de feijão originário de outras praças, porém, vem sendo tolhida pelo tabelamento, o que sugere que vendas eventuais de produtores paranaenses, ou catarinenses, terão de aguardar a entressafra de São Paulo.

A colheita da safra da **seca** prosseguirá por vários meses (na região Norte, ela se dá no segundo semestre), em quase todo o país, estabelecendo um fluxo permanente de ingresso do produto no mercado. Nos principais estados produtores, contudo, será concluída até julho, quando se terá uma visão quase completa da real situação do abastecimento.

As primeiras partidas a ingressarem no mercado têm encontrado uma situação de estabilidade, resultante da retração da demanda e da influência do **Plano de Estabilização.** O tabelamento no varejo beneficia o comércio varejista, que comprará a preços crescentemente declinantes, caso a oferta da safra da **seca** aumente, o que ocorrerá se o clima se regularizar. Nesta hipótese, as aventadas importações de feijão não ocorrerão. Cabe destacar que, praticamente, inexiste um mercado mundial do produto. A safra mundial também está há anos estagnada e, segundo a **FAO**, apenas a **República Popular da China** tem apresentado ganhos de produtividade (ver Quadro 12).

O balanço de oferta e demanda, da **CFP**, considera que as safras deste ano produzirão 2,193 milhões de t (352 mil t de feijão **preto**) e que, malgrado as perdas, o governo federal conseguirá montar um estoque de 329 mil t (180 mil t de feijões de **cores**). O estoque final do ano, em 1º/11/86, será de 123 mil t (52 mil t de feijão **preto**). Mesmo ocorrendo este superávit, haverá uma situação apertada, pois o estoque recomendável é de 300 mil t, suficientes para um mês e meio de consumo.

Até lá, muitas coisas poderão mudar. Talvez o consumo volte a se ampliar, baseado no tabelamento no varejo e na estabilização dos salários. Um movimento neste sentido, porém, poderá ser compensado pelo barateamento relativo dos derivados do trigo, que se mantém, e pela inversão na relação de preços com o arroz, hoje mais barato.

QUADRO 12 – FEIJÃO – PRINCIPAIS PRODUTORES MUNDIAIS – 1974 A 1984

PAÍS	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984
					PRODUÇÃO (t)						
Índia	2.175	2.767	2.581	2.747	2.646	1.986	2.752	2.944	2.862	3.536	3.500[1]
China[1]	2.027	2.125	6.230	3.459	3.555	1.740	1.752	1.751	1.746	1.745	1.848
Brasil	2.238	2.271	1.842	2.290	2.194	2.186	1.968	2.341	2.903	1.587	2.621
México	896	1.027	740	770	949	601	971	1.469	1.093	1.282	1.270
EUA	923	790	807	753	859	929	1.197	1.460	1.160	704	941
Mundo	12.098	11.512	16.045	14.055	14.145	11.557	12.648	14.459	15.073	13.954	15.469
					ÁREA (1.000 ha)						
Índia	8.361	8.750	8.200	8.330	8.230	8.153	9.299	9.039	8.672	9.198	9.200[1]
China[1]	2.500	2.520	7.123	3.985	4.059	1.765	1.762	1.763	1.560	1.558	1.562
Brasil	4.293	4.047	4.038	4.551	4.617	4.212	4.643	5.027	5.926	4.089	5.306
México	1.329	1.753	1.316	1.631	1.580	1.054	1.763	2.150	1.712	1.996	2.158
EUA	624	593	607	518	589	560	737	899	719	461	589
Mundo	23.549	24.161	27.900	25.616	25.306	21.725	24.210	25.030	25.598	24.435	26.042
					RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha)						
Índia	260	316	315	330	299	244	296	326	330	384	380
China[1]	811	843	875	868	876	986	995	993	1.119	1.120	1.183
Brasil	521	548	456	503	475	519	424	466	490	390	494
México	674	586	562	472	600	570	551	683	638	642	589
EUA	1.479	1.333	1.330	1.455	1.469	1.659	1.625	1.623	1.612	1.528	1.597
Mundo	514	527	575	549	559	532	522	578	589	571	594

FONTE – FAO Production Yearbook.
[1] Estimativas elaboradas pela FAO.